



“1984 – Uma análise sobre o controle da informação no filme e livro”.¹

Annete de Souza Morhy²

Universidade Federal do Pará

Orientação: Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará,
Doutora Lívia Barbosa

Resumo

O livro “1984” foi escrito por George Orwell e deu origem ao filme homônimo. A sociedade retratada vive sob um regime totalitário e tem todos seus passos são minuciosamente monitorados por telas que estão em toda parte. Esta análise busca entender mais especificamente a questão do controle da informação repassada a essa sociedade e os métodos utilizados para manipular as verdades divulgadas.

Palavras-chave: 1984; controle; informação; manipulação; poder.

A Polícia da Informação

O filme “1984” retrata uma sociedade onde o Estado se impõe sobre todas as instâncias sociais, influencia a história do povo e seu passado, desenvolve um novo idioma, além de oprimir e torturar os indivíduos que lutam, de qualquer forma, contra o regime instaurado. O fluxo da informação no filme “1984” é representado através da *teletela* (espécie de televisão instalada por toda a cidade, inclusive dentro das casas), rádio e cartazes pregados pelas paredes – são elementos constantemente presentes e os personagens são obrigados a ver e ouvir as notícias repassadas. Porém, uma grande e importante observação: os noticiários são integralmente governamentais. Sendo assim, todo o sistema de produção e divulgação da informação é controlado. Neste sentido, é importante perceber as técnicas de criação de notícias, distorção de informações e omissão delas.

Winston Smith, personagem principal do filme em questão, é funcionário do Ministério da Verdade – ironicamente, o setor responsável por alterar informações já publicadas em jornais antigos e “re-divulgá-las” de acordo com ordens superiores. Importante observar que, em determinada cena, Winston afirma: “A mentira torna-se verdade e depois mentira outra vez”, deixando claro que as informações são manipuladas de acordo com o momento e interesse do Estado, mesmo que essa subversão signifique mentir e desmentir. “Existe a verdade e a não-verdade”, escreveu Winston em seu diário secreto. Por ele lidar com o trabalho direto no Ministério da Verdade, ele sabia muito bem como eram construídas as falácias. A informação correta já chegava acompanhada das alterações a serem feitas. Estabelece-se, então, uma relação do filme “V de Vingança”, produzido 58 anos depois de “1984”, em que ambos os filmes mostram as notícias sendo manipuladas pelo governo e falsas tanto no texto quanto na edição de imagens. Edição, esta, que se

¹ Trabalho apresentado ao Grupo Temático (GT) do VI Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte - Intercom Norte 2007.

² Annete Morhy: Estudante do 7º semestre do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, na UFPA. annete.morhy@gmail.com



desdobra exatamente no oposto da informação verídica, favorecendo a idéia que o “editor” quer repassar. Não existe preocupação alguma com a veracidade, apenas em captar imagens que caibam como ilustrações para a notícia que o governo quer repassar.

No livro, a cena de tortura de Winston é seguida deste fragmento:

Qualquer coisa podia ser verdade. Eram tolices as chamadas leis naturais. Era bobagem a lei da gravidade. "Se eu quisesse", dissera O'Brien, "eu poderia flutuar no ar como uma bolha de sabão". Winston raciocinara. "Se ele pensa que flutua no ar, e se eu simultaneamente pensar que o vejo flutuando, então a coisa de fato acontece. De repente, como um destroço submerso que aflora à tona, um pensamento rompeu-lhe no cérebro: "Não acontece de fato. Nós é que imaginamos. É uma alucinação".³

Era, então, assim que o Governo pensava a manipulação da informação. Se eles repetissem aquelas informações e fizessem as pessoas acreditarem que a situação estava, realmente, muito boa, uma forma de alucinação coletiva seria criada para reagir positivamente aos interesses do regime. Vale relacionar a questão da edição de imagens com o atual Big Brother, programa de televisão no qual os participantes se submetem à monitoração de câmeras 24 horas. É recursivo o fato de um ex-participante do programa afirmar que foi “prejudicado” pela edição de imagens porque só mostrava suas partes “ruins”. A partir do momento em que a edição de um determinado vídeo, ou até mesmo um texto, é um recorte feito a partir do olhar do editor, o objeto está submetido àquele olhar e muito raramente vai expressar uma opinião geral.

Outro método de controlar a informação foi a invenção de uma língua própria, a Novilíngua, que buscava impedir a expressão de qualquer opinião contrária ao regime. Novilíngua ainda não estava implantada nem finalizada, mas já estava na 10ª edição do seu dicionário. As palavras que não estivessem contidas ali, eram consideradas “não-palavras”, como mencionou O'Brien. No filme, na hora da refeição, um rapaz, da Delegação da Novilíngua, estava sentado à frente de Winston e afirmou como era bela a destruição das palavras. Segue dizendo, ainda, que o segredo é mudar da tradução ao pensamento e à reação automática, pois a língua vem da garganta e não da cabeça. Expressa-se, dessa forma, que a completa degeneração do vocabulário afetaria diretamente a incidência dos “crimes de pensamento”, onde seria tolhido aos indivíduos sequer pensar em ir contra o regime. Então seria, menos ainda, possível de falar e agir contra ele.

As teletelas permitiam tanto que a pessoa pudesse assistir a determinada transmissão quanto ser observada pelos sistemas de monitoração 24 horas do Grande Irmão. As transmissões de noticiários pela teletela relatavam sempre crescimento econômico, queda de mortalidade, diminuição de doenças, enfim, notícias que subentendiam que o Governo atuava sempre da melhor forma e, por isso, a cidade estava cada vez melhor.

³ Orwell, 1998, p.258.



“Para (Emmerich de) Vatel, o verdadeiro indicador do mérito da disputa é o comportamento dos beligerantes durante as hostilidades, ou seja, o que está em jogo é a legalidade dos meios. (...) Na mesma linha de raciocínio está a recomendação de que os atos de violência parecerão mais legítimos se os fins são enfatizados”.⁴

Dessa formulação de Jacques Wainberg, é possível entender os atos arbitrários de violência como algo que não é um fim em si mesmo, mas um meio para um fim cujos beneficiários envolvem atores que não os próprios agentes da repressão. A afirmação é confirmada com a frase de O’Brien durante a tortura de Winston. “Poder é deteriorar a mente. Não é um modo, mas um fim”. Quanto ao resultado da utilização dos mass media, representada pela teletela em “1984”, Wainberg diz:

“A imprensa produz certamente algum efeito no clima de opinião pública e certamente por isso é vista como objeto de disputa pelos atores envolvidos em conflitos políticos. Há, na verdade, uma longa história do uso dos mass media para animar os fronts interno e externo, de civis e soldados ao mesmo tempo”.⁵

A opção de desligar a teletela era um privilégio concedido a poucos, como O’Brien, ou seja, os controladores do poder não precisavam estar monitorados 24 horas, nem eram obrigados a ouvir as notícias construídas, estando, assim, acima das pessoas comuns e fazendo a manutenção da hierarquia. “Sociedade hierárquica só é possível com base na pobreza e na ignorância”, pensou Winston.

Referências Bibliográficas

- BUCCI, Eugênio. *Sobre Ética e Imprensa*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
DUTRA, Manuel Sena. *A Natureza da TV: uma leitura dos discursos da mídia sobre a Amazônia, biodiversidade, povos da floresta*. Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (UFPA), 2005.
ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.
WAINBERG, Jacques A. *Mídia e terror: comunicação e violência política*. São Paulo: Paulus, 2005.

⁴ Wainberg, 2005, p.45.

⁵ Idem, p.69.